

PIM PA M PUM



SUPLEMENTO
INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

ANO XV

LISBOA, 8 DE FEVEREIRO DE 1940

N.º 732

A IDEIA DO FIEL

QUANDO a Rosário saiu para ir apanhar a roupa que ficara estendida ao sol, deixou o Joãozinho sentado numa cadeira, no meio da cozinha.

— «Toma conta no menino, ouviste, Fiel? Não o deixes chorar!» — recomendou a mulher ao cão e desapareceu campos fóra...

Tomando muito a sério o seu papel, o bom fiel nunca mais despregou os olhos do rechonchudo Joãozinho.

O petiz, durante algum tempo, conservou-se distraído, olhando para as galinhas, para o gato e para o cão, depois estendeu os bracinhos, como a pedir que o tirassem dali e, ao perceber que a mãe saíra, desatou a choramingar.

Sentia-se prêso, sólidamente, à cadeira...

Por mais esforços que fizesse, não se podia soltar...

Talvez o Tareco lhe valesse!...

Mas o gato dormia, muito enroscado, perto do lume, sem dar atenção àquela choro lamentoso.

Joãozinho pensou que as galinhas teriam melhor coração...

Mas qual!

Todas elas, muito egoístas, só pensavam em depenicar, aqui e ali, indiferentes ao desgosto do menino.

Cada vez mais arreliado, o Joãozinho decidiu-se a chorar a valer.

Os seus gritos estridentes, as lágrimas que lhe corriam pelas bochechas cor de rosa, afligiam o Fiel.

Inquieto, o cão olhou para a porta, na esperança que a Rosário aparecesse e, ao mesmo tempo, envergonhado por não saber consolar o menino que ela lhe confiara.

Nisto, teve uma idéia repentina.

Empurrou a porta que dava para o quintal, onde havia um canteiro com couves.

Dai a um instante voltou, com um ar radiante.

Trazia na bôca um caracol. Com muito cuidado, veio pô-lo na tábua que prendia o Joãozinho à cadeira.

Logo, o petiz deixou de chorar.

Curioso, observou o bicharoco.

Este saiu da sua casca, muito molengão.

As lágrimas do Joãozinho secaram-se, como por encanto.

Num êxtasi, continuou a olhar para o bicho que andava, agora, pela tábua adiante, de casca prêsa às costas.

Mal o pequeno lhe toçava, com a mãozinha sapuda, metta-se na sua casinha e isto fazia rir o



(Continua na página 2)

A ABELHA ABELHUDA

QUANDO o Alberto, que era muito esperto, se deixava envolver nos fios invisíveis de qualquer preocupação, havia em sua casa uma boa fada que vinha, carinhosamente, em seu socorro.

A boa fada, com certeza que já adi-

vinharam, era a avó. O grande remédio que a avózinha usava para todos os males do seu netinho, era um bom conselho; e o precioso conselho vinha sempre muito mal escondido nos fios duma bonita história.

Naquela tarde a grande apoquentação do Albertinho, era a falta de mimo de seu pai.

Durante o almoço e à despedida o pai do Albertinho mostrara uma cara de poucos amigos.

Porque seria, pensava o pequeno, que o seu pai, sempre tão disposto a mostrar-se carinhoso, tão doce, deixara ao almoço uma impressão tão amarga?

— «Não penses, agora, nisso!» — disse a avó. Escuta uma historiazinha e depois verás que percebes facilmente o motivo porque teu pai mostrou uma cara tão azeda.

— «Ele até não me deixou comer o doce!»

— «Deixa isso agora por um bocadinho, e dá atenção à história da Abelha Abelhuda.

Certamente — começou a avó, — tu sabes o que é um cortiço. A palavra está quasi a dizer de que se trata. E o grande palácio das abelhas feito de cor-



(Continua na página 3)

O CESTINHO da COSTURA



Fig 1

Abelhinhas

Esta camizinha de noite, tão quente, feita em «tricot», fecha-se em baixo como se fôsse um saco. É feita com dois pontos diferentes. A figura n.º 1 mostra o ponto do encaixe, gola e punhos e é constituída por duas malhas de liga e duas de reversilho, trabalhadas sempre alternadamente.

A figura n.º 2 mostra o ponto da saia e manga, sendo êsse feito com cinco malhas de reversilho e uma de liga.

Comecem o trabalho pelas costas do encaixe e, quando chegarem ao pescoço, fechem as malhas precisas para formar o decote. Depois acrescentem, novamente, para tecer as frentes.

Feito o encaixe, novas malhas se lhe acrescentam (uma em cada duas) para formar a roda da saia. E com essa porção, trabalhem primeiro um lado e depois outro (fig. 3 e 4).

Esta saia é um tanto mais comprida do que o Bêbê e termina por uma carreira de abertos onde enfiam o cordão que a fecha.

As mangas são direitas com um punho estreito mais apertado.

Modelo lindo para as vossas bo-

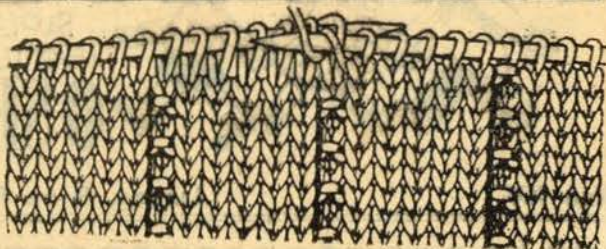


Fig 2

necas, e modelo também de gosto e conforto, que as minhas queridas Abelhinhas podem executar e oferecer a um real Bêbê. Vossa

Abelha Mestra.



Fig 3

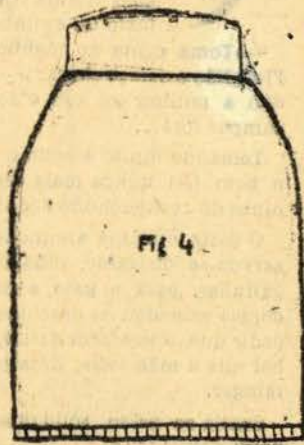


Fig 4



NO REINO DOS BICHOS ♦ O OCAPI

Um dos animais decerto mais interessantes e raros do mundo é o okapi, que o nosso desenho, pãlidamente, representa.

Descendente, ao que parece, da zebra e da girafa, tem muitas parelhas com êstes animais.

O okapi é um animal solitário. Percorre a floresta apenas na companhia da fêmea.

Foi descoberto, há poucos anos, nas

imensidões misteriosas do Congo Belga. (Ainda recentemente, o governo de Angola prometeu um prêmio a quem descobrir, nesta colônia, um destes curiosos animais).

Pintam-se os espaços numerados a 1 com castanho, a 2 com encarnado, e a 4 com amarelo. As listas das pernas devem ser coloridas com estas duas últimas cores.

(Continúa na pág. 8)

A IDEIA DO FIEL (Continuado da pág. 1)

Joãozinho, que já não se lembrava do seu desgosto.

Contente, por ter, finalmente, descoberto o brinquedo para distrair o menino, o Fiel estendeu-se ao comprido, muito sossegado e feliz.

Foi assim que a Rosário os encontrou, logo exclamando, muito alegre:

— «Eu bem sabia, meu cãozinho, que tu eras uma boa ama sêca!»

E o Fiel, dando ao rabinho, mostrou a sua satisfação, por ter cumprido tão bem o seu dever.

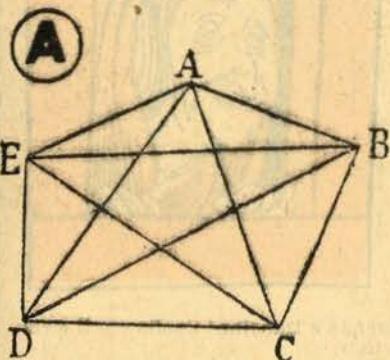
Dai por diante, os caracóis das cou-

ves abundavam em casa da Rosário, pois todas as vezes que ela saía, o amigo Fiel ia-os buscar, para servirem de divertimento ao Joãozinho.

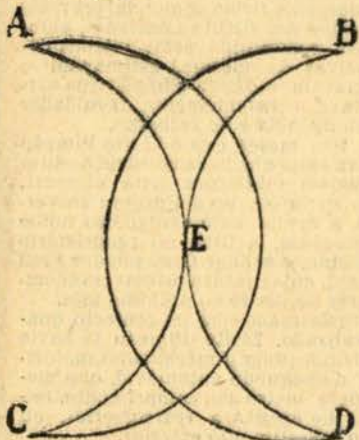


Virgínia Lopes de Mendonça

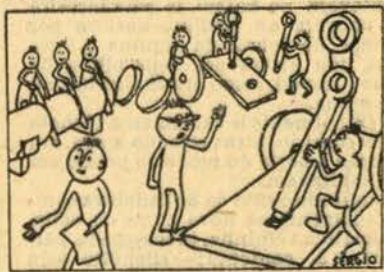
DESENHOS
DUM SÓ TRAÇO



B



Como traçar os desenhos A e B sem levantar a pena do papel? Vejam os nossos amiguinhos se descobrem a maneira.
No próximo número publicaremos a solução.



—(Continua na página 6)—

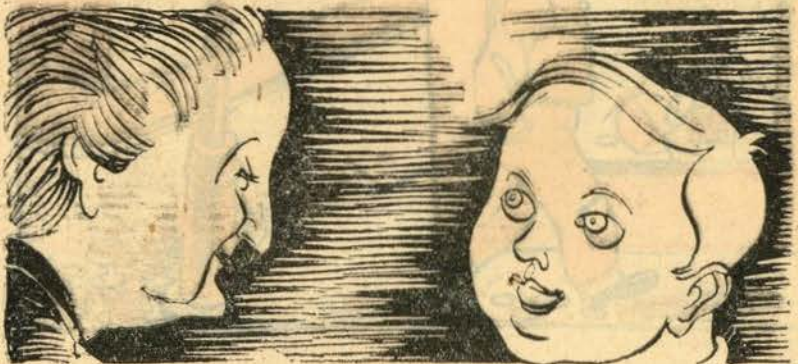
A ABELHA
ABELHUDA

(Continuação da página 1)

liça. No seu interior, todas as divisões são feitas dum oiro muito macio, com muitas janelinhas, que as pessoas, que sabem destas coisas, chamam alvéolo. Lá dentro reina um grande perfume, que é o néctar das flores, trazido pelas abelhinhas trabalhadoras.
Apesar de viverem num palácio tão lindo, porque há constantemente uma música de asas, a chegada de abelhinhas que trazem o mais fino pólen das flores e, no meio desta música e desta dança alada, de que sai o mel, o palácio é um verdadeiro templo de trabalho e de ordem.
Todas as abelhinhas cumprem uma

tarefa e ainda o mais belo é que os trabalhos são muito variados e divididos, de modo que o cortiço é como se fôsse uma grande cidade industrial, onde funcionassem diversas oficinas. Isto que eu digo — continuou a Avó —

Continua na página 7



UMA NOVELA DE AUGUSTO DE SANTA-RITA

A VIDA DO "ZÉ," PIMPÃO

APRENDIZ de serralheiro, o Zé Pimpão, com seu fatinho de ganga e boina vasca, de volta da oficina, mãos nos bolsos e estribilho na boca: — O-i-ó-ai!... seguia a caminho da sua mansarda, através das ruas da cidade, à baça luz dos candieiros, parando aqui, parando acolá, seduzido pelo aspecto atraente das montras.

Em cuidado no neto, a Ti'Ana, como a tratavam no bairro, já pela terceira vez chegara ao postigo, ansiosa por lóbrigar, no dobrar da esquina, a figurinha, tão airosa aos seus olhos, do Zézito Pimpão, como era conhecido em toda a rua.

— «Finalmente!» exclamou a velhota ao descobri-lo, atravessando a rua, em direcção à porta do modesto prédio em que habitavam.

Emquanto o sino da Sé badalava compassadamente as nove horas da noite, a simpática velhinha, já sossegada, balbuciava contente: — «Bendito seja Deus!» e, correndo à lareira, mergulhava, agora, na panela do caldo fumegante a concha da terrina, enchendo esta da sopa que reconfortaria o seu estremecido netinho, o seu Zézito Pimpão.

Ralo de sol à noite, ao assomar à porta da pequena saleta, onde a mesinha posta para o jantar, o convidava logo a sentar-se, com sua jarrinha de malva-rosa ao meio, entre os modestos pratos, copos de vidro grosso e talheres de alumínio, era sempre acolhido com enlêvo e ternura pela Ti'Ana avó, que o beijava na testa, ao vê-lo arremessar a boina num gesto agalitado e repe-

tindo o seu estribilho constante e predilecto:

O-i-ó-ai...
Lará-lá-lá!...
Ela aí vai
para cima do sofá!...

— «Então, Zézito, como correu o teu dia?» perguntava-lhe a amorosa velhinha, sempre tentando descortinar a sua disposição, os seus estados de alma.

— «Bem, avôzinha. Sempre entregue ao trabalho, ao quentinho da forja, o tempo passou depressa! Aqui tens a féria da semana. Pouco é mas um dia virá em que há-de ser muito. Inda hei-de ser rico! Tenho cá uma fé...» E



com tal convicção falava que a velhinha sorria e o animava, dizendo: — «Querer à poder Zézito, aprende,



aprende e trabalha! Confia em ti e em Deus!»

A-pesar de simples aprendiz, tanto o proprietário administrador como o chefe e todo o pessoal da «Grande Oficina de Reparação de Automóveis Limitada», cuja firma comercial era mais conhecida por «GORA Limitada», abreviatura constituída pelas iniciais designativas da mesma, estimavam e apreciavam o Zézito Pimpão que evidenciava, constantemente, faculdades de inteligência e de trabalho.

Há três meses que o Zézito Pimpão andava empenhado na construção dum automóvel miniatura para oferecer, como surpresa, no dia do seu aniversário, à Jenita, cujo verdadeiro nome era Eugénia, a filha do proprietário da oficina, o senhor Comendador Fred Richard, cujas quinze primaveras completaria no dia 10 do próximo mês.

Entusiasmado com tal projecto, quasi realizado, Zézito Pimpão já havia construído todo o mecanismo motorizado do pequeno automóvel, que media meio metro de comprimento, faltando-lhe apenas a «carrosserie», ou seja o revestimento exterior.

Para que o pequeno automóvel Gore estivesse concluído nas vésperas do aniversário da Jenita, cujos olhos azuis, lindos cabelos loiros, encaracolados e ingénua expressão haviam atraído a simpatia do habilidoso aprendiz, este entrava na oficina duas horas mais cedo, com autorização do gerente, que lhe confiara as chaves, e saía uma hora mais tarde, para poder entregar-se à sua tarefa sem prejuizo da ordem do serviço.

Certa noite em que o Zézito estava, sozinho já, num canto da oficina, todo entregue à execução do invulgar brinquedo, sentiu passos a distância, abriu-se a porta da ampla oficina e por ela entraram dois vultos que não distinguu imediatamente, em virtude da pouca luz que fluminava o aposento e de ter a vista ofuscada pelo intenso clarão da forja.

— «Então, estás ainda a trabalhar?!...» exclamou uma voz, de alguém que se aproximava, e que o pequeno aprendiz imediatamente reconheceu como sendo a de Fred Richard. Era, efectivamente, a dele que, ao lado da Jenita, procedia a uma rápida visita a todas as dependências da oficina, fóra do seu costume, já de chapéu na cabeça, pronto a tomar o seu automóvel que o esperava à porta, para o conduzir a casa.

(Continua no próximo número)



O N'AUBOU

UMA GRANDE AVENTURA



NAQUELE ano, diz-nos o nosso amigo, a Companhia das Minas de Oiro de Sallsbury encarregou-me de inquirir de que natureza eram os terrenos próximos do vale do Pongoné e de me instalar nos confins da Zambézia, perto da pequena cidade de Massi-Kassé. Um holandês, muito simpático, chamado Johan Beersen, que conhecia perfeitamente a região, convidou-me a acompanhá-lo a Machona onde, todos os anos, lá fazer uma estação de caça.

— «Partiremos dentro de quinze dias, disse-me ele, e, portanto, tem muito tempo para se equipar...»

Acetel com prazer e comeci os meus preparativos, com a ajuda do meu criado, o negro Tachobé, a quem eu estimava bastante, porque era sossegado e fiel. O engraçado é que ele, ao contrário dos da sua raça, gostava muito pouco de beber, sendo,

porém, para lastimar que tivesse o defeito de não ser discreto; mas quem não tem defeitos?

Uma manhã, Tachobé entrou no meu quarto, onde eu examinava uma espingarda de repetição.

— «Só, disse-me ele, há um homem que quer falar-te.»

— «Que entre...»

Um instante depois, um mestiço, alto, com uma expressão alegre espelhada no rosto, vestido de camponês, cumprimentou-me gentilmente com o chapéu, tirando depois debaixo da blusa uma calxinha.

— «Afirmaram-me que o senhor partia em breve para as planícies do norte, disse ele; é verdade?»

— «É exacto, respondi eu; mas que lhe poderá isso interessar?»

— «Olhe...»

E pôs-me a calxinha quasi sob o meu nariz; a tampa que era de vidro, permiti-me ver, lá dentro, um lagarto vivo um lagarto amarelo ralado de verde.

— «O que quere isto dizer?»

— «É um N'aubou, sorriu o homem; vendo-o barato:— seis libras esterlinas...»

Larguel uma gargalhada.

— «Ah! Ah! Ah!... Cento e cinquenta francos, cada bicho? O preço dum bol?!»

— «Creia o senhor que é quasi dado!»

Como julgasse que a brincadeira já tinha durado bastante, abri a boca para despedir o visitante, quando Johan Beersen apareceu; ele viu o mestiço, a caixa compreendeu tudo num instante.

— «Serei eu o comprador, declarou o meu amigo; quanto quere?»

O camponês repetiu a importância. O holandês comprou-o depois de conseguir um abatimento de cinco francos. Eu estava pasmado. Logo que o vendedor se retirou, preguntei:



— «Parece-lhe que terá alguma utilidade esse lagarto? Que vai fazer dele?»

— «Matá-lo primeiramente, disse sorrindo o meu companheiro; fazê-lo secar em seguida e reduzi-lo a pó, o que meterei num saquinho. Será o nosso talisman. Não julgue que estou brincando; é sério...»

Não ousei zombar de Johan e da sua superstição. Afectei um ar grave e concordel com ele que nos seria muito útil um talisman no caminho que teríamos que percorrer, onde os perigos eram numerosos.

— «Numerosos; sim, concordou ele, mas, com este pequeno n'aubou, já nada temos a temer.»

a fazer evoluções, tendo encontrado, lá dentro, verdadeiras aldeias de barracas e de carros cobertos de grandes toldos. As populações — brancas, mestiças ou pretas — acolhiam-nos óptimamente por toda a parte, mesmo, como aconteceu várias vezes, depois de termos morto alguma caça. Que boa gente essa!

Uma manhã, alcançámos o Machona; carneiros selvagens ofereceram-se às nossas espingardas; pusemos o pé em terra e eu já encostava a minha arma ao ombro, quando senti uma tão grande dor no joelho, que me arrancou um grito... No mesmo instante, vi uma serpente rulva que se deixava escorregar no longo da grossa haste do hampden a que me tinha encostado...

Num movimento rápido, tirei a bota levantei a calça. A mordedura da serpente fez dois buracinhos cor de violeta e a perna inchava. Inchava, como se a assoassem. Eu empalidecia...

— «Felizmente que temos o talisman», sorriu Johan. Estique-se e tenha paciência, porque vou fazer-lhe doer...»

O meu amigo tirou da algibeira uma faca afiada e o pequeno saco *porte-bonheur*. Garanto-lhe que eu já não pensava em troçar da superstição do bom Johan! O pobre rapaz fez duas rápidas incisões à roda da mordedura, abriu o saquito e, agarrando uma pitada de pó, espalhou-a nos sulcos que acabara de fazer na minha carne. Senti, então, uma viva e pungente dor e, logo a seguir, um desejo irresistível de dormir, contra o qual não pude lutar por muito tempo.

As primeiras etapas da nossa cavalgada foram dum verdadeiro encanto.

As colinas de Manica são dum magnífico pittoresco e atravessámo-las como uma brincadeira.

Bem depressa entrámos nas famosas planícies, que nada de comum tinham com as de Beauce ou as de la Brie, creiam. Tão longe quanto a vista podia abranger, não se via senão verdura espessa, entrecortada de silvas abundantes. Começámos

— «Estou mordido!...»

Johan que me ouviu, voltou-se e, desembracando-se da espingarda, dirigiu-se imediatamente para mim.

— «Uma serpente?... De que cor?... Escura?... Oh! oh!... Descalce-se, meu caro, está envenenado.»

Eu assustei-me. O holandês continuou:

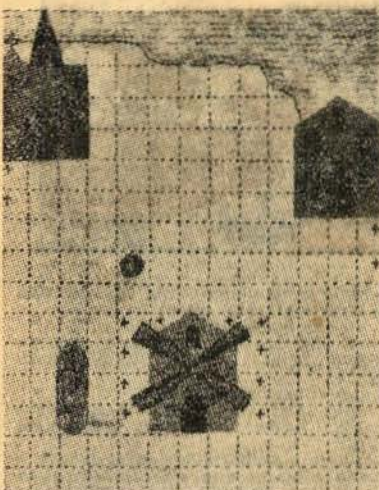
— «Os reptis são a chaga desta região; abundam e o seu veneno não perdôa... Olhe, veja a sua perna!...»

— «Estenda-se sobre este cobertor, disse-me Johan; velarei para que não seja assaltado por outras serpentes, até que a crise passe.»

Dormi talvez perto de duas horas, ao fim das quais, tendo aberto os olhos, senti-me tão ágil como antes do acidente...

— «Vê, disse Johan triunfante, o meu pó

UMA PARTILHA COMPLICADA



Dois irmãos, Pedro e Paulo, dispõem-se a repartir, entre si, um campo com a superfície de 132 ares. Prevendo que eles se não entenderiam muito bem, o pai deixou especificado no seu testamento que cada um dos dois irmãos, cuja parte devia ser igual, teria a faculdade de se poder conduzir à igreja matriz, à Câmara Municipal da localidade, ao moinho, ao poço e ao bebedouro, sem ter que passar pelo campo do outro.

Representando cada quadradinho um are, poderão os nossos leitorzinhos indicar, marcando com uma cruz (X), a parte correspondente a Pedro e, com um ponto, a parte reservada a Paulo? Os quadrados marcados com uma pequena cruz na gravura acima, não entram na partilha. O tanque está, também, excluído, podendo cada um dos irmãos abeirar-se dele, após a divisão.

Claro está que os dois campos não podem ficar fragmentados.

NO PRÓXIMO NÚMERO PUBLICAREMOS A SOLUÇÃO

de n'abou é uma espécie de vacina protectora, que cura.

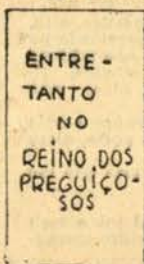
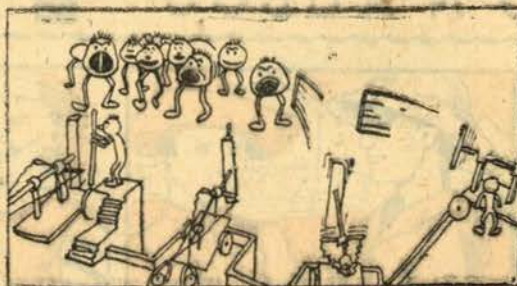
Os indígenas conheciam-na muito antes de Pasteur se entregar aos trabalhos que o tornaram célebre.

Todos os homens que frequentam estas planícies têm sempre consigo um pouco deste remédio maravilhoso. E se, por acaso, se acham desprovidos de n'abou, quando uma serpente rula os mardo, sabe o que eles fazem? Matam o seu inimigo, arrancam-lhe a fátela e bebem uma gota do veneno contido nas vesículas.

«Caem, então, num entorpecimento que dura muito mais tempo que durou o seu; mas, quando se veem libertos dele, estão completamente livres do mal.»

Eu estava maravilhado; balbuciei o meu reconhecimento e, consegui, embora com bastante custo, reembolsar Johan Beersen da importância que dispendera com a compra do lagartilho ao mestiço.

Tradução de AMÉLIA FERREIRA.



CORRESPONDÊNCIA A DIVINHAS

Chico Latica—Os desenhos que enviaste, revelam muito feitinho mas não estão em condições de serem reproduzidos. Devem ser feitos a tinta da China que é a mais adequada a tais chinéztices... sem desprimor.

Maria Ramires—Muito agradecemos os elogios que endereçaste e prometemos aqui, solenemente, satisfazer o teu desejo que veio ao encontro das nossas intenções.

fernando Odemira—Pode mandar os originais a que se refere, pois devem ser bons a avaliar pela amostra.

Que bebida é esta?

Precedida da sílaba PA é rei, seguida da sílaba LE é agazalho e da sílaba VE é fecho.

Que fruto é este?

Precedido da letra L é agazalho e da sílaba CH é água.

Que flôr é esta?

Precedida da letra P é literatura e da sílaba AI é sinónimo de graça.

Que outra bebida é esta?

Precedida da sílaba NO, significa: em bom estado ou recente e da sílaba PO, significa Grel.

TIO PAULO.



UM JOGO:—COMBINAÇÃO

O jogo que hoje oferecemos aos leitores mais pequeninos do nosso Suplemento, consiste em recortar

os dezasseis quadrados, que constituem a gravura acima, e dispô-los de forma a conseguirem um con-

junto harmonioso, tal como o imaginou e compôs o nosso desenhador Adolfo Castañé.

A ABELHA ABELHUDA

(Continuado da página 3)

não é uma fantasia. Os apicultores, que são os homens que tratam dos cortiços e das abelhas. Eles mesmo chamam às abelhinhas obreiras.

umas são construtoras e com a cera que elas mesmo segregam, constroem os favos de que tu és tão guloso. Outras limpam a casa e dispõem o mel para alimento de toda a cidade que se chama colmeia.

Há ainda outras que saem e vão pelos campos em busca do suco das

flores, largam-no à guarda das suas companheiras, voltam ao campo e andam sempre nesta roda viva.

Cada enxame, que é uma grande família de abelhas, tem uma rainha. Também isto não é uma fantasia. E assim que também chamam à abelha mestra os apicultores.

O mel vem das flores. Mas as flores, só por si, não dão o mel.

As abelhas é que o fabricam, mas, além das flores e do trabalho para que haja mel, é necessário o respeito, o amor à tarefa, de modo a que tudo esteja harmoniosamente no seu lugar.

Ora, um dia, aconteceu que, num

cortiço, houve uma abelha que foi meter-se onde não era chamada.

Daqui resultou tamanha confusão que os alvéolos ficaram tortos, os favos mal construídos e as abelhas, que estão acostumadas à ordem, umas deixaram o cortiço, outras morreram de susto e o cortiço ficou sem mel.

Onde não há ordem nem respeito, também não há doçura! concluiu a avózinha.

O Alberto, que era muito esperto, compreendeu que o pai mostrara uma cara azeda e que ele ficara sem doce porque se tinha mostrado abelhudo.

Francisca do Carmo Costa



É Gratidão



o coelhinho e o porco

Não falte o agradecimento...
Nunca falte a gratidão!
— Este belo sentimento
deverá calar bem dentro
de qualquer bom coração!

Um coelhinho medroso,
ouvindo, um dia, chiar
um porquinho. Curioso,
aos saltitos, cauteloso,
tratou de se aproximar.

Tinha o báculo enrolado
nas pernitas um cordel
que ali estava atravessado,



e ali ficaria atado
sem o auxílio daquele.

Mas o coelhito, ao dar
com esse cochinho afilto,
pôs-se a roer e a puxar
p'lo barão até soltar
dos atilhos o porquito.

Este, vendo assim em jôgo
a liberdade, a tremer,
mal se viu liberto, logo
deu ás de Vila-Diogo
sem, sequer, agradecer.

Foi-se o coelho, despeitado
com a falta de atenção
daquele ingrato e admirado
de o ver fugir apressado
sem descobrir a razão.

Decorrido mais dum mês
depois disto, o nosso herói
vai almoçar, muita vez,

à horta dum camponês
e as couves todas lhe rói.

O hortelão, a ver se o pilha
a roer na hortaliça,
vai lá pôr uma armadilha,
das que têm uma serrilha,
debaixo duma nabíça.

O coelhito medroso,
de noite escura, sem luz,
passa por lá e, guloso,
vai-se ao nabinho mímoso,
põe lá um pé... catrapuz!...

Horas passam, amanhece...
E, chorando a triste sorte,
à espera que aparecesse
o hortelão e este lhe desse
uma cruel, negra morte.

Eis que êle avista pertinho
um vulto que se acercou.
— Era o amigo porquinho



que, co'as patas e o' ocinno,
dessa esparrela o soltou.

O coelhito, assustado,
assim que livre se viu,
em dois saltos, apressado,
sem dizer «muito obrigado»
deu ás pernas e fugiu!

No covil pôs-se a lamber
a patazinha dorida,
descurando o seu dever
que era ir logo agradecer
a quem lhe salvara a vida.

Ventura

NO REINO DOS BICHOS

A POUPA

A poupa é uma ave muito conhecida entre nós e tem esse nome porque possui uma coifa de penas (poupa) na cabeça.

Elegante, pouco menor do que um pombo, tem as seguintes cores: cor de rosa (2) no corpo, pescoço e cabeça; malhas amarelas e encarnadas na poupa, propriamente dita, estrias e, no cimo, manchas amarelas (4).
Sobre os olhos tem um traço azul claro (5).

O MACACO

Este símio, conhecido pelo nome de «macaco verde» (embora de verde apenas tenha a designação), pertence à grande família dos primatas.

Habita a África. Sustenta-se de frutas, faz esgares e foge, guinchando, quando sente o perigo.

Com os lápis de cor, preenchem a castanho os espaços marcados com o n.º 1, a encarnado o traço que circunda os olhos e as manchas indicadas com o n.º 2. Amarelo no dorso (4). Tem malhas azuis claras no n.º 5.

O tronco é castanho; a folhagem, verde; as bagas, encarnadas.

E aqui está o mestre Faustino, à espera de ordens.

